

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

# De botequeira à redutora de danos: a encruza do Bar da madrinha Nice

*From bar to harm reduction: the crossroads of godmother Nice's bar*

Ivanise de Souza Silva<sup>I</sup>, Gabriela Meirelles de Oliveira Roxo<sup>II</sup>, Pâmella Rafaella Barbosa Vaz<sup>III</sup>

### Resumo

Este texto busca mostrar o dia a dia de Ivanise de Souza Silva, mais conhecida como a Nice do Bar da Nice, localizado no centro de São Paulo, no território da Cracolândia. Em uma conversa despretensiosa, em um sábado à tarde, no próprio bar, ao som da roda de samba do bar ao lado, ela fala sobre as diversas fases da sua vida, de como se denomina atualmente, de como virou comerciante/botequeira, das conexões que foi construindo ao longo desses anos, das pessoas que frequentam o bar, dos coletivos que atuam no território e no seu bar, e como se tornou redutora de danos. Em um relato cheio de sentimentos, ela tenta transmitir a importância do processo do cuidado, da escuta com o outro sem julgamentos e da redução de danos sem prejuízo para si e para o outro.

**Palavras-chave:** Bar da Nice; Cracolândia; Redução de Danos.

### Introdução

No momento em que este texto foi pensado, sobretudo no formato de relato de experiência – para articular as trocas de saberes, afetos e subjetividades diversas quando somos colocados no lugar de escuta do outro, da sua narrativa e da sua história particular –, busca-se trazer a narrativa de uma personagem bastante conhecida no bairro da Luz, centro de São Paulo, mais precisamente localizada no território da Cracolândia. A entrevistada, Ivanise (Nice), é popularmente conhecida

<sup>I</sup> Ivanise de Souza Silva (ivaniserocha9857@gmail.com) é botequeira, redutora de danos, articuladora social e cultural.

<sup>II</sup> Gabriela Meirelles de Oliveira Roxo (gabrielaroxo@hotmail.com) é graduada em Direito.

<sup>III</sup> Pâmella Rafaella Barbosa Vaz (vazpamella@gmail.com) é mestranda em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp). Integrante do Coletivo Tem Sentimento e ex-estagiária da Associação Cultural e Artística Birico.

### Abstract

This text seeks to show the daily life of Ivanise de Souza Silva, better known as Nice at Bar da Nice, located in the center of São Paulo, in the territory of Cracolândia. In an unpretentious conversation, on a Saturday afternoon, in the bar itself, to the sound of the samba circle from the bar next door, she talks about the different phases of her life, what she calls herself today, how she became a merchant / bar owner (*botequeira*), the connections that it has been building over the years, with the people who frequent the bar, with the collectives that operate in the territory and in its bar, and how it has become a harm reducer. In a story full of feelings, she tries to convey the importance of the care process, of listening to others without judgment and of reducing harm, avoiding harm to oneself and to others.

**Keywords:** Nice's Bar; Crackland; Harm Reduction.

na vizinhança por sua personalidade imponente, mas também acolhedora, autêntica e divertida. Atenta a todas as movimentações cotidianas do seu entorno, possui uma interpretação sociopolítica orgânica das diferentes ações, grupos, coletivos, organizações e instituições que atuam ou deixam de atuar no território da Cracolândia, onde também estão o seu local de trabalho e moradia com sua família.

O Bar da Nice faz parte da rede de locais e estabelecimentos que atuam em conjunto com os coletivos e grupos em defesa dos direitos humanos, dos direitos da população em situação de rua, da perspectiva de redução de danos para usuárias e usuários de drogas<sup>IV</sup>, do acesso à saúde e educação públicas de qualidade, ao direito à moradia, cultura

<sup>IV</sup> Centro de Convivência É De Lei. Cartilha “Do baque ao crack: redução de danos em São Paulo”. Disponível em: <https://edelei.org/portfolio/4431/>.

e lazer. Por conseguinte, o Bar da Nice configurou-se, com o passar dos anos, como um espaço multicultural, com rodas de samba, saraus, *slams* de poesias, rodas de conversas, debates, preenchendo socialmente o bairro da Luz como uma espécie de refúgio para mentes e corpos aflitos e em movimento, isto é, que carregam uma outra visão de mundo pautada no cuidado, no acolhimento às vulnerabilidades, na defesa e promoção de direitos e contra toda e qualquer forma de violência e de manifestação de racismo, machismo, LGBTfobia e capacitismo.

Dessa maneira, com a análise da presente entrevista, que perpassa temas que envolvem uma literatura bastante ampla e diversa, foi possível aproximá-la com o que Fabienne Brugère compreende como uma ética para o cuidado, pois pensá-lo “(...) em termos de prática é, sobretudo, lutar contra qualquer idealização e desconfiar de qualquer forma de ingenuidade”<sup>1</sup>. Nesse sentido, existe uma preocupação e um cuidado com a abrangência do lugar que se ocupa socialmente e politicamente, dos indivíduos e grupos que circulam especificamente no Bar e no bairro.

### **Conhecendo a Ivanise, a Madrinha Nice**

Sábado de Aleluia, estamos na casa de Ivanise de Souza Silva, mais conhecida como Nice, Madrinha, ou Nice do Bar da Nice, para uma conversa. Repentinamente, ela acha melhor fazer no bar mesmo. Finalmente, conseguimos sentar para escutar Nice, que se denomina como comerciante, botequeira, redutora de danos, mãe, mulher, amiga, madrinha no território da Cracolândia – cidade de São Paulo.

De fundo acontece a roda de samba do bar ao lado, pessoas passando na rua: umas passam desejando boa tarde, outras entram para conversar, para pedir água ou para usar o banheiro. Há ainda aquelas que apenas param na calçada e pedem a benção da madrinha. Já na primeira pergunta, diversas questões começam a vir à tona:

*Ai gente, que coisa difícil falar isso. Difícil falar de mim, se eu nem sei quem sou eu,*

*gente. Quem sou eu, gente? É muito difícil explicar como eu me dou com tudo isso porque eu me dou com o dia a dia. Cada dia meu é um dia aqui nesse comércio depois que eu vim para cá para ser comerciante, né? Lidar com pessoas diferentes. Mas eu não consigo descobrir quem sou eu, porque eu lido com muitas coisas ao mesmo tempo, que nem eu mesma sei como eu faço isso. E estar aqui, eu gosto de estar no meu bar, cara. Não sei o que falar para vocês. (...) Sobreviver, por eu estar aqui. Hoje eu saio da minha casa e eu abro meu bar e eu tenho que abrir o meu bar e alguma coisa tem que acontecer comigo aqui. E o dia que eu não estou bem não acontece nada. Cada dia eu preciso estar bem para acontecer alguma coisa no meu bar. Isso. Abro meu bar para trabalhar, para viver, para sobreviver.*

Recanto Rocha, como batizou o bar, foi uma homenagem em parte a um antigo e apaixonado cliente, o Recanto, e em parte à Marta Rocha, sua guardiã e companheira de vida. Só mais tarde Nice se deu conta do significado da palavra recanto: um esconderijo, refúgio, lugar agradável, foi então que ela teve certeza da escolha e de tudo que o Bar da Nice representa. O bar tem as paredes decoradas com lambe, bandeiras e camisas dos coletivos penduradas – o Bar da Nice é também o ponto de encontro e acolhimento dos coletivos que atuam no território.

Nice começou sua vida de botequeira um pouco antes do início da pandemia de covid-19, porém em outro estabelecimento e endereço próximo ao do bar atual:

*Mas aí eu vim tomar conta do bar para o meu amigo. Seis meses antes da covid, isso foi dia 27 de outubro (...) Quatro anos que eu tenho aposentada, quatro anos que tem a minha netinha, que eu virei comerciante” (...) aí, cara, veio a covid. Todo*



Roda de samba no Bar da Nice. No meio da fotografia aparece a proprietária Nice servindo alegremente uma cerveja.

Foto: Luca Meola.

*... mundo desfazendo os pontos, perdeu os pontos. Eu também não vou dar conta. E bá, bá, bá, não tem jeito. Me diziam: – você vai ter que entregar essa porra desse bar. Foi quando um cliente amigo apareceu oferecendo ajuda para Nice alugar um outro boteco: “ele falou: – então a gente vai caçar qualquer botequim para você ali perto. Tem um que é pequenininho, que ele está querendo passar o ponto. Vou te arrumar umas 10 caixas de bebida para você começar. Vou te dar estufa, vou te dar mesa, cadeira. Quando você reerguer, você me devolve tudo. Tudo bem, assim? – Volte para trás, meio animada, né?*

O Bar da Nice é hoje um espaço multicultural independente, além de um local de acolhimento para as pessoas que constituem o território conhecido como Cracolândia. Ele existe há mais ou menos três anos e cinco meses (na data desta entrevista):

*Nos parabéns de 18 anos da minha filha eu comprei um Ford Ka. Aí, esse carro ficou parado oito anos. Eu fiz autoescola. Nunca tive coragem de pegar o carro. O carro ficou na garagem por oito anos. Trocava pneu do carro, trocava o motor do carro. Carro parado é uma desgraça. Aí, veio no meu ouvido para eu vender o carro. E aí, cara, foi onde eu comprei o [ponto do] bar, com*

o carro. Comprei com já tudo dentro, e aos poucos os clientes meus foram começando a ajudar a organizar o bar ...

Como consequência dos encontros e trocas ocorridos nessa encruzilhada que é o Bar da Nice, ela se tornou redutora de danos:

e hoje eu dou uma água, eu acolho as pessoas porque eu acho que não faço mais do que a minha obrigação. Me dá uma água, me dá um banheiro. Eu não consigo falar não (...) virei comerciante para ser uma botequeira e vender cachaça e aquilo outro, de repente virei uma redutora de danos. (...) O destino, né? Então é o grau de amizade que eu tenho, que eu construí depois que eu virei comerciante, cara. Com pessoas que se preocupam comigo, com pessoas que sacrificam a sua vida tendo que sair de serviço e deixar de fazer outra coisa para estar ao meu lado, para fazer acontecer a cultura nessa região. Porque eu aprendi muito com redução de danos a enxergar a cultura das pessoas.

Em seu papel como redutora de danos, ela fala:

E a minha redução de danos na região Cracolândia (...) A minha redução de danos é mostrar para o meu próximo o poder do abraço. O corpo a corpo. Pros meus clientes eu mostro que se eles vêm no meu bar é porque eles querem desabafar, eles querem ter alguém para conversar e eu vou estar aqui. Pelo grau de experiência de mundo que eu tenho, eles confiam que eu posso ensinar. A minha redução de danos para os clientes é falar para uma pessoa: olha cara, você não está bem. Essa roupa, esse penteado, levanta a autoestima. Gosto de levantar a autoestima das pessoas. E em relação aos usuários, eu acho que do mesmo

jeito que eu não tive quando eu estava na rua... Alguém ia me escutar? Você imagina isso, né? Alguém dá bom dia, boa tarde, um sorriso para a pessoa dessas? (...) estar vendo uma pessoa com o seu sofrimento, da sua passagem (...) então, é ... [redução de danos] é dar um sorriso para uma pessoa, um bom dia, abraçar, uma água, acaba precisando de um banheiro, vai. É o mínimo que um ser humano poderia fazer. Porque sabe que sangra tanto quanto ele, chora tanto quanto ele, tem dor. Bate o coração. Por que tanta dificuldade em olhar? Claro que aborrece às vezes, né? (...) quando eles tiveram família, eles cresceram, foram para a escola, aprenderam a lavar, passar a cozinhar, a família. Então eles têm origem de casa. Temos um fiozinho que dá um distúrbio na nossa mente que a gente não é capaz de seguir adiante nos nossos tropeços, onde a gente se entrega. E ficar desacreditado é uma coisa terrível.

Uma das atividades que ela promove no bar é o Show de Talentos, com a finalidade de fazer com que as pessoas em situação de rua que ali estão sejam valorizadas: acreditadas. Elas são as protagonistas, seja na organização e nas apresentações do show, seja na audiência:

(...) eles mostram o talento deles e os usuários é que são o público. (...) É uma maravilha para mim. Porque se eu faço samba, se eu faço pagode para a sociedade, classe média, classe alta, que é o que vem no bar, por que que não pode ter o show de talento e o público ser o próprio usuário? Por que eles ficam todos do outro lado? (...) tão aqui, o talento. E eles ficam aqui curtindo também, né? É, curtindo também. Aí a cada semana volta mais gente, mais músicos. Aí eu faço o couvert, né? Tem amigas que vêm, pessoal

da escola de música ali da frente, além do pessoal da rua, né? E eles [talentos que se apresentam] ganham a gratificação [o que é arrecadado do couvert] deles. Sim. E eles se sentem valorizados. Isso. Se Deus quiser, tudo der certo, eu quero muito que o show de talentos vai adiante.

Além de realizar o Show de Talentos, o Bar da Nice é a casa do Pagode na Lata, coletivo que utiliza o samba como insumo para a redução de danos e a economia solidária como prática de autonomia dos músicos. Formado por ex-trabalhadores, usuários e militantes da região da Luz, realizam quinzenalmente, no chamado “fluxo” da Cracolândia, rodas de samba colaborativas nas quais integrantes e usuários socializam, se divertem e substituem os cachimbos pelos instrumentos musicais<sup>2</sup>. O relato do primeiro encontro entre Nice e o Pagode na Lata também traz sua pitada de encanto. Ela narra que já nesse início o bar também foi o refúgio do coletivo, assim como ela também pode contar com o apoio deles – marcando o início da união entre o Pagode na Lata e sua madrinha Nice:<sup>v</sup>

*Quando eu estou sentada na porta, mano, passa o Pagode lá. Todos uniformizados, com banquinho, tudo. E no meu ouvido falou: chama eles, chama eles. Aí eu fiquei ali vendo eles subir assim. Aí pensei rápido e falei: – ei, ei, por favor! Galera, vocês podem vir aqui no meu bar para tocar aqui! Aí a ‘Semente da Discórdia’ falou: – nós vamos ali e já voltamos, nós vamos no fluxo e já voltamos. Nessa época eu gostava de música brega e rock dos anos 80. Comecei a conhecer o pagode. Menina, não passa uns 20 minutos, esse pagode está lá, entrou na Cracolândia, e a Cracolândia era lá, não sei se você lembra. Há quatro anos atrás que era na Júlio Prestes. Eles entraram lá dentro, para tocar o pagode. Cara, só sei que eles demoraram 20*

*minutos e fechou a Cracolândia com bomba e gás lacrimogêneo. Como o meu bar era o único que tinha de frente à Cracolândia, na Júlio Prestes, onde que eles foram se refugiar? Todo mundo se limpando das bombas, tirando gás. Passaram muito mal, muito mal. Depois de uns minutos, água para todo mundo. Aí, lá vem a ‘Semente das Discórdia’: – Isso aqui é novo, né? A gente passou aqui, nunca viu. Aí respondi: – Eu arrendei aqui de um amigo meu, tudo, estou meio perdida. – Pois é, meu. A gente foi fazer o pagode lá que a gente faz redução de danos. E explodiu lá. Vamos fazer o seguinte? Já que você está novata aqui, a gente sempre queria um bar aqui perto da Cracolândia. A gente vai fazer o nosso evento aqui com você (...). – Depois de um tempo, a Cracolândia veio toda para porta do bar. E esses meninos passaram a vir de 15 em 15 dias. Eles vinham e gastavam horrores no bar.*

Recentemente, no espaço do Bar da Nice também foi inaugurado o Ateliê Paulestinos, fruto da parceria de longa data entre Nice e Átila Fragozo<sup>vi</sup>, narrada por ela com muito carinho.

*Aí passou a covid, quem veio me encontrar? Quem estava aí no Amarelinho? Que foi lá no Contêiner e me achou? Quem? ‘Semente da Discórdia’! Mas uma sujeira essas paredes, isso aqui era aberto e aquele negócio todo. Falei para ele: – então tá, então que cor a gente vai pintar a parede agora? Aí ele falou: – então é o seguinte, a gente vai colocando uns lambe. Falei: – tá bom, agora é meu, né? Agora a gente pode. Então a gente ia colocando esses lambe aí. Olha o ateliê aí. Fala se ele não soube plantar a semente dele.*

<sup>v</sup> Para conhecer mais sobre o projeto de redução de danos Pagode na Lata, acompanhe seu perfil do Instagram @pagodenalata.

<sup>vi</sup> Conversa com Átila Fragozo em 2024. Para conhecer as artes ou algum trabalho dos Paulestinos, basta enviar Mensagem Direta (DM) em seu perfil do Instagram @paulestinos.

Idealizado pelos nordestinos Átila Fragozo e Renoir Santos em 2012, o coletivo Paulestinos foi criado nas ruas de São Paulo. Pioneiros do lambe-lambe digital misturado com frases e palavras, os artistas se utilizam da linguagem pop e de símbolos da cultura popular para provocar estranhamentos e questionamentos. A linguagem poética desenvolvida pelo Paulestinos tem forte impacto comunicativo e se dissemina nos espaços públicos das ruas e das redes sociais. Hoje, as manifestações artísticas do coletivo se dão também via ação colaborativa do público, possibilitando que qualquer pessoa participe da prática.

Outra atividade cultural promovida pelo Bar da Nice é o Ecos do Fluxo, com churrasco Traga & Asse, idealizado pelo Movimentação Cultural na Boca do Lixo:

*E tem o Ecos do Fluxo (...) E hoje ele trabalha com um projeto em edição de canto. E ele quer trazer, né, a música, o eco de antigamente, dos anos 70, dos anos 80, para que os usuários se sintam bem em estar aqui.*

Nice, em um relato emocionante, termina falando de sua guardiã e companheira da vida e do seu dia a dia no território:

*Porque o Rocha, claro, honra a minha pomba, né? Sempre vai ter o Rocha comigo. Então eu coloco esse Rocha em tudo. Quando eu me vejo muito pressionada aqui dentro, a Rocha sempre me dá um apoio moral. Pelo amor de Deus, é essa minha qualidade que rege aqui, mas a minha moça está sempre concentrada comigo, sempre quando ela me vê coagida, oprimida, coisas que eu não gosto de fazer. Então, para falar de mim, tem que ter toda uma volta, uma reviravolta. Os amigos maravilhosos que eu fiz hoje, que acreditam em mim. E é uma coisa que eu não tenho saída, eu não tenho saída nenhuma (...) A música acalenta o coração. Não deixar o usuário estar no meu samba, lembrando a música da*

*época dele. Né, sentindo, dançando, porque isso me faz eu me sentir muito feliz (...) Gente, eu dou risada. E é isso, simplesmente isso, o dia a dia da Nice. Todos os dias, nesse território. Gosto do território, gosto dos amigos, gosto das pessoas que vêm aqui. Eu gosto de tentar entender, tentar ajudar. Tentar falar, por favor, não faz isso que eu já fiz. Não faz! Não dá certo. E a escola da vida vale para todo mundo, né? Todo mundo que está nessa passagem tem que aprender com a escola da vida.*

### Considerações finais

Como parte das considerações acerca do presente texto, é importante ressaltar os cuidados cotidianos com aquelas e aqueles que frequentam o Bar da Nice pela Ivanise, como a exigência de regras básicas para a socialização e boa convivência sem julgamentos e sem prejuízos para si e para o outro. Agradecimento especial à rede de apoiadoras e apoiadores da Ivanise e do Bar da Nice, conhecidos como “Nicetes” e “Carnicetes”, sem o trabalho coletivo dessas dezenas de pessoas, grupos, coletivos e organizações, não teria sido possível acompanhar o processo de formação de uma articuladora social e redutora de danos pela prática cotidiana.

### Referências

1. Brugère F. A Ética do cuidado. São Paulo: Editora Contracorrente; 2023.
2. Faddul J. Pagode na lata: Samba alivia vício em crack? Da redução de danos à economia solidária, roda traz esperança à Cracolândia. Ecoa UOL [internet]. [acesso em 20 abr 2024]. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/pagode-na-lata/>.